

O prefeito da Little Italy

Por Peri de Castro Ilustração: Milton Costa

"Se ele gostou do bairro italiano de Nova York, espere até ele conhecer o de São Paulo". Foi com essa frase que o prefeito Alfredo Senzali recebeu a notícia de que a capital paulista, por ele governada, seria destino da próxima viagem do primeiro-ministro da Itália, Luigi Sforza.

Naquele mesmo dia, o prefeito reuniu seus secretários e mandou-os preparar um grande espetáculo de italianidade para agradar ao visitante. Às vésperas da eleição municipal, calculava o prefeito, mostrar-se descontraído e entrosado a um dos mais importantes chefes de governo seria a oportunidade de se desfazer do apelido de "Alfredo Sem Sal", martelado pelos oponentes como se fosse um mantra.

"Quero um grande palco na Rua 13 de Maio, no coração da Bela Vista, e uns vinte instrumentistas, para tocarem as músicas mais animadas das festas do Bixiga. Peçam aos melhores pizzaiolos da cidade que cozinhem suas receitas mais saborosas, vamos fisgar os visitantes pela barriga. Convidem também os alunos mais brilhantes do Dante Alighieri para recitar belos poemas em italiano. Ah, e convençam o craque do Palestra Itália que estiver no gosto da garotada a vir fazer umas embaixadinhas. O primeiro-ministro vai se sentir mais italiano do que na Itália", alegrou-se o prefeito.

O mês passou rapidamente, em ritmo de campanha, e a dois dias da disputa nas urnas, Luigi Sforza desembarcou em São Paulo. Foi recebido por uma grande comitiva e levado diretamente para a festa. Debaixo do sol calabrês de 1º de novembro, um mundaréu de repórteres, moradores e puxa-sacos aguardava as autoridades. Prefeito e primeiro-ministro sentaram-se lado a lado e Senzali, com o sorriso mais sincero que um treinamento de mídia pode desenvolver, fez sinal para o início da celebração.

Logo subiu ao palco um homem negro de dois metros de altura, segurando um bumbo. Em seguida veio outro, com surdo e baqueta na mão, outro com tamborim e assim foi, até formarem uma bateria de escola de samba. Um deles gritou ao microfone: "Canta, Bela

Vista!" e a batucada começou. O povo pôs-se a sambar freneticamente e o prefeito, atônito, chamou discretamente um dos secretários.

- Mas o que é isso? Onde está a tarantela?

- O senhor mandou trazer instrumentistas que tocassem a música mais alegre do Bixiga, prefeito, chamei a bateria da Vai-Vai...

Com um olhar fulminante, o prefeito voltou ao seu lugar e, alguns sambas depois, mandou que entrassem os pizzaiolos.

"Chamo ao palco os tricampeões do concurso Pizza Show. Ninguém faz pizzas como eles. São os irmãos Raimundo e Severino!", bradou o apresentador.

O povo aplaudiu dois homens baixinhos, com chapéu de mestre-cuca. Eles habilidosamente começaram a rodar grandes discos de farinha, que logo virariam pizzas de massa fina e recheio abundante.

Indignado, o prefeito chegou perto de outro secretário e sussurrou:

- Raimundo e Severino? Eu falei em festa italiana ou em São João de Caruaru?

- Prefeito, quem o senhor acha que faz pizza em São Paulo, os italianos? Só tem nordestino atrás do forno a lenha. E cá entre nós, eles são ótimos. Prova um pedaço, o senhor vai concordar.

Irritado, o prefeito mandou que entrassem os alunos do Dante Alighieri. Uma chinesinha bem jovem, de sorriso tímido e aparelho nos dentes, regulou a altura do microfone e começou a recitar com precisão um longo trecho da *Divina Comédia*. Foi seguida por uma loirinha mais velha e um garoto magro e desengonçado, mas absolutamente convincente na declamação do poema. Ao final, palmas e um elogio do apresentador. "Parabéns aos estudantes Carolina Shin Ten, Deborah Weinberg e Felipe Abdalla!"

O prefeito, que havia se animado um pouco durante a apresentação, enfureceu-se

novamente. Cochichou a uma assessora:

- Não tem mais família italiana no Dante?

- Tem, prefeito, mas os alunos são de várias origens, né? O senhor viu a oriental falando italiano, que gracinha?

A assessora logo engoliu o sorriso, diante da reprovação do chefe. Para encerrar a cerimônia, era hora de chamar a estrela do Palmeiras. Empolgado, o apresentador exagerava nos adjetivos.

“Convido agora o craque do Palestra Itália, o jogador que encanta a multidão, um gênio da bola... o paraguaio Artero!”

A plateia vai ao delírio. Vaias, aplausos e gritos de torcida se misturam. O artilheiro do campeonato entra fazendo gracinha, emenda uma firula com um toque de cabeça e vai agradecendo ao público com gritos de “*gracias!*”.

O prefeito já não via mais nada. Com a pressão baixa, só enxergava as manchetes de jornais ironizando uma festa para italianos em que a maior atração era um craque paraguaio. Paraguaio!

Quando o primeiro-ministro quebrou o protocolo e caminhou rumo ao palco para dizer algo, Sensali achou melhor se esconder. Foi sentar-se atrás de um secretário alto e corpulento, para dificultar que os fotógrafos vissem sua reação. Com um

tradutor ao lado, o primeiro-ministro dirigiu-se à plateia cada vez mais numerosa e animada.

- Logo que cheguei à cidade de vocês, o prefeito Sensali me disse que eu veria uma festa italiana. Que eu me sentiria mais italiano do que na Itália. Que a “Little Italy” de vocês ia me deixar boquiaberto. Pois eu estou, mesmo, boquiaberto! As imagens da chinesa recitando poemas de Dante ou do paraguaio jogando pelo time italiano resumem exatamente a Itália que eu gostaria de ver. Generosa, aberta às oportunidades da globalização, capaz de manter a paixão pela música, pelas artes, pelo futebol e pela pizza, mas sem se fechar às inovações. Vocês sabem que um dos grandes desafios da Itália hoje é aceitar os imigrantes que chegam ao país e integrá-los sem xenofobia. Acho que hoje aprendemos muito com vocês, ítalo-paulistanos de todas as partes. Parabéns ao prefeito Sensali por esta festa magnífica!

O prefeito não acreditou no que ouviu. Meio tonto, tentava se refazer do nervoso que havia passado e, ao mesmo tempo, capitalizar ao máximo com os jornalistas o sucesso do evento. Nas entrevistas, disse que havia planejado o evento nos mínimos detalhes. Tirou fotos com a chinesinha no colo e com o craque Artero pendurado em seu ombro. Fez discursos falando em São Paulo como exemplo para o mundo. Releu-se três dias depois, por uma margem bem apertada, graças aos votos da zona leste.

